

O mistério da coroa portuguesa (um espetáculo teatral em 2 atos)

Beto Vianna

Personagens

Narrador
Tião
Quinzinho
Velloso
Hospitaleiro
Alpoim
D. Isabel
Tonico

Ato I - A jóia da coroa

Narrador - São João del-Rei: a mais luminosa vila das Minas Gerais. O ouro extraído de suas lavras faz erguer igrejas suntuosas e um casario imponente em meio às belas montanhas. Aqui vive Quinzinho, garoto de inteligência viva e espírito sagaz.

Tião - Menino! Velloso está lá fora e quer falar contigo!

Quinzinho - Vou como um raio, padrinho.

Velloso - Olá, primo. Uma grande oportunidade, dessas que só uma vez na vida: um convite para passarem comigo o Natal em Vila Rica. Nos divertimos a valer, e, quanto a mim, espero observar um singular fenômeno da astronomia...

Quinzinho - Nós... podemos ir, padrinho?

Tião - Pra mim, impossível. Dona Maria Josefa já reclama das contrações. O rebento (Deus saberá se um varão ou uma pequena) deve vir à luz esses dias. E bem sabes que sempre calha a mim fazer as vezes de parteira... Mas vai tu, ó garoto!

Quinzinho - E... e a botica? E os fregueses?

Tião (*rindo*) - O ouro escasseia, somem os doentes... Não te preocupes, que eu cá me arranjo. E juízo! Dois guris tão jovens numa cidade perdida daquelas... e a Estrada, se bem que Real, anda cada dia menos segura.

Velloso - Não há motivo pra tantos alarmes. Trago Quinzinho de volta são e salvo, quiçá ainda melhor, com experiência na bagagem.

Tião - Já temia que tu o dissesses...

Narrador - Após 6 dias de dura marcha, a tropa chega a Vila Rica: a mais luminosa das Minas Gerais. Igrejas suntuosas e um casario imponente em meio às belas montanhas denunciam o ouro extraído de suas lavras...

Velloso - Tivemos sorte, primo. Estes dias, as estradas estão infestadas de bandidos...

Quinzinho - Eu não me importaria de cruzar com um desses patifes. E que objeto é esse que trazes tão bem embalado? Não vamos já descarregá-lo?

Velloso - Sim, a seu tempo... É um telescópio, sabes o que é?

Quinzinho - Claro! Para ver as estrelas de perto! Mas eu julgava que era muito maior, do tamanho de uma casa.

Velloso (*rindo*) - Costumavam ser. Este é um equipamento de última geração, com lentes “acromáticas”, que dispensam a necessidade daqueles tubos imensos para uma visão perfeita, em cores naturais, de objetos distantes...

Quinzinho - Percebo... e o que é que vamos ver com tudo isso?

Velloso - Um cometa, primo! Dia 25 de dezembro de 1758 - amanhã! - teremos a melhor noite para avistar um objeto, que, segundo as previsões do astrônomo Edmond Halley, cruza o céu visível de 76 em 76 anos.

Quinzinho - E Vila Rica é...

Velloso - .. o ponto ideal para observá-lo. És inteligente, Joaquim José... Agora chispa para o Palácio, que não se pode ficar com toda essa bagagem em plena praça.

Quinzinho - Palácio?

Narrador - Isso mesmo, Quinzinho: o Palácio dos Governadores. Lar das autoridades da nova capital, construído sob a batuta do engenheiro-militar José Francisco Alpoim e de Manoel Francisco Lisboa, pai de Aleijadinho.

Velloso - Hospitaleiro, vamos nos hospedar no Palácio... qual o motivo de tantos guardas?

Hospitaleiro - D. Isabel Teresa, futura sogra do governador, também se hospeda aqui, recém-chegada de Portugal. Hoje pela manhã notou que o colar de diamantes, única jóia da família a sobreviver ao terremoto de Lisboa, havia desaparecido. E para conduzir as investigações, o governador nomeou o engenheiro-militar Alpoim em pessoa.

Alpoim - À suas ordens!

Velloso - Sargento-mor Alpoim! Quanta honra conhecer-te!

Alpoim - A honra é toda minha, jovem Velloso! Tuas discussões sobre a mais recente edição da obra de Lineu são o assunto das rodas educadas. Vejamos se entendi bem a questão dos binômios. O nome científico de nossa raça é agora *Homo... sapiens*, não é isso?

Velloso - Na mosca (ou, para Lineu, na *Musca domestica*). Mas vejo que estás a lidar com um problema ainda mais cabeludo.

Alpoim (*desconsolado*) - De fato é uma difícil charada... ainda não pudemos entender o sumiço de uma jóia tão bem vigiada, em pleno Palácio.

Quinzinho - A vítima já foi interrogada?

Alpoim (*rindo muito*) - Ora se não temos aqui um pequeno detetive! Qual é o teu nome, guri?

Quinzinho - Joaquim José da Silva Xavier, senhor, mas podes me chamar de Quinzinho.

Alpoim - Então vem comigo, Quinzinho. Ceias hoje o Natal conosco, e amanhã me acompanhas na conversa com D. Isabel. Uma coroa enxutona, vais ver...

Velloso - “Onde, Enigma adorado, onde guias perplexo, confuso, e pensativo, da minha idéia o vacilante curso?” Deixo-vos com esses versinhos de Cláudio Manoel e sigo para a praça, a montar o telescópio, que meu prometido cometa já oferece mistérios de sobra!

Ato II - A ciência da magia e a magia da ciência

25 de dezembro, à tardinha. No salão principal do Palácio, Alpoim e Quinzinho aguardam uma ilustre personagem.

Hospitaleiro - D. Isabel Teresa de Lencastre Sanches de Farinha, filha-herdeira da 2ª Condessa de Castelo Melhor e do Senhor da Vila de Freixo Amarelo, Alcaide-mor das ilhas do Faial e Graciosa!

Alpoim (*sussurrando*) - Anda, Quinzinho, inclina-te! Não conheces os costumes da corte?

D. Isabel - Deixa o garoto, Alpoim, não sejas cabeçota! Vais obrigar um brasileiro, debaixo de tão luminoso sol, a suar inconveniências de etiqueta?

Quinzinho (*dobrando-se até o chão*) - Não fiz por mal, Senhora. Suplico o seu perdão.

D. Isabel - Suplicar? Oh, garoto, não sei o que fazes ao lado do chato do Alpoim, mas dou-te grátis um dito popular da minha terra, os Açores: “antes morrer livres que em paz sujeitos”. Não te inclines, a não ser com a intenção de galantear esta indefesa viúva...

(*e solta, como fará durante toda a história, uma gargalhada tremenda*)

Alpoim - A Senhora tem o direito de acusar-me, pois minha missão é infelizmente essa: chateá-la. Eu e meu fiel escudeiro Quinzinho pedimos que nos ajude a esclarecer alguns pontos sobre o ocorrido.

D. Isabel - E o que queres exatamente saber? Sabes o crime, sabes a hora em que demo-nos conta do crime, sabes do furto o fruto e só não tens do criminoso o nome, e nesse único ponto serei para vós de nenhuma ajuda.

Alpoim - Não nos indicaria porventura aqui algum provável desafeto, alguém que talvez queira prejudicar o Natal ou divertir-se às suas custas, por exemplo?

Quinzinho (*abruptamente*) - Senhora, imaginava tratarmos do *sumiço*, e, não, do *furto* do colar...

Alpoim (*corando*) - Oh! Releve a petulância de meu ajudante...

D. Isabel (*solta a gargalhada*) - Ah, Alpoim, fico a pensar quem está a ajudar quem aqui... É verdade, menino, precipito-me, mas tenho minhas razões. A jóia é mais que uma relíquia familiar: é um símbolo dos laços de Portugal com o Brasil. Meu avô foi governador-geral desta terra tropical, bonita por natureza. Daqui, ou melhor, de um lugarejo ao norte (que meu avô batizou “Diamantina”), saíram as pedras que compõe o colar. Desde então, as mulheres de minha família ostentam a jóia, que agora seria passada à minha filha, futura esposa do Governador da Capitania de Minas Gerais.

Alpoim - No entanto...

D. Isabel - Não interrompe, sargento-mor! Esta noite celebra-se o noivado de minha filha, e ela deve portar o colar como manda o figurino, o juízo e a política. A corte é um pombal, ou seja, um ninho de víboras, como bem sabe o Alpoim e agora aprende o jovem detetive. Não sabem das últimas? Nem Sua Majestade, D. José, escapou das intrigas palacianas, e por pouco não troca o divino reinado pelo Reino de Deus. Há quem queira minha família longe dos destinos do Brasil, e, para isso, nada como ir-se o anel e os dedos juntos...

Alpoim - No entanto, não há em Vila Rica inimigos de sua família, e a autoridade do governador aumenta-lhe as garantias. Pensemos em uma pilhéria, na incompetência de uma dama de companhia ou num furto puro e simples (afinal, a jóia vale um bocado!).

(*Alguém surgindo das sombras*) - Não é tão elementar, caro Alpoim!

Alpoim - Mas quem dis... Tónico!

Narrador - Conhecido mais tarde por Aleijadinho, gênio maior de nossa arte. Na época ninguém o chamava assim. Primeiro, a tal doença ainda não se manifestara. E depois, sabe-se que ele reproduzia em suas esculturas, com cara de vaca lambida, quem ousasse pronunciar o apelido.

Alpoim - D. Isabel, apresento-lhe alguém que vale o ouro que ainda há nesta terra: Antônio Francisco Lisboa. Mestre artesão de mão-cheia, como nenhum que tenha visto na Europa!

Tónico - Bondade do Alpoim (*para o platéia*: e uma pitadinha de inveja, que também não lhe cai mal). Fui obrigado a escutar a conversa por culpa do ofício, pois acabava justamente de entalhar uma mesa no cômodo ao lado.

D. Isabel - Pois és bem-vindo na roda, quanto mais se nos fores útil. Dizias que a história não é assim tão simples quanto crê o sargento-mor...

Tónico - Perdoe a ousadia, mas tampouco é simples como crê a Senhora.

D. Isabel - Só cá me faltava essa! Primeiro um brasileirinho, ao menos da pele rosada e ascendência reinol. Agora um mulato, e com o mesmo requinte de atrevimento! Serão os ares de Vila Rica que incitam à rebelião? (*e solta a velha gargalhada*)

Tonico - Se a cor da minha pele faz diferença, será num sentido bastante útil, pois onde enxergais escuridão em vossas alvas cabeças, na minha faz-se uma luz tão clara como o sol.

Alpoim - És um magnífico escultor e um péssimo poeta.

Quinzinho - Poupa-nos o suspense, mestre-artesão, de que falas?

Tonico - Conheço o Palácio tão bem quanto Alpoim. Desde que meu pai contratou a obra, sempre trabalhei aqui, e minhas mãos já tocaram cada canto desenhado pelo sargento-mor.

Quinzinho - E o prédio continua em obras. Pensas que o colar se perdeu em algum desvão do Palácio?

Alpoim - Assim me tomas por tolo, Tonico! O primeiro que fiz foi vasculhar cada sítio, e a não ser que tuas mãos tenham entalhado mais do que reza a planta, vos asseguro que o Palácio foi satisfatoriamente esquadrinhado!

Tonico - Tens assim tanta certeza? O que dizem tuas próprias instruções sobre o acabamento?

Alpoim - A que parte te referes?

Tonico - Cito de cor: “as paredes desta obra até ao vigamento serão de quatro palmos de grosso, cujo pé direito, começando a contar da soleira da porta principal, terá...”

Alpoim - “... vinte e dois palmos... incluindo nesta altura... um cordão de cantaria com um palmo de alto”! É isso! És um gênio, Tonico!

D. Isabel - Amigos, fui bem educada nas belas artes, na filosofia e na política. Mas confesso que não estou a perceber uma unha do que dizem!

Quinzinho - O elementar aqui é geológico, Senhora. Meu primo Velloso instruiu-me um pouco nessa matéria, e começo a fazer idéia do que se passou. A estrutura do Palácio encontra-se pronta desde...

Alpoim - ... o ano de 46.

Quinzinho - Obrigado. Mas ainda falta concluir o acabamento, como a pintura de portas e janelas, e, ao que parece, também esses arremates na parede que nossos engenheiros chamam de...

Tonico - ... “cordão de cantaria”.

Quinzinho - Obrigado. Se não me engano muito (ou então me corrijam), cantaria é o trabalho artesanal realizado na construção ou arremate dos cantos da edificação. E a tal “pedra de cantaria”, claro, é aquela usada no conjunto. Digamos, apenas como hipótese, que essa pedra tenha algum brilho, ou se assemelhe, de alguma forma, à jóia...

Alpoim (*sorrindo*) - Não estarias longe dos fatos. A “pedra”, como dizes, é uma rocha: o quartzito, ou sua variante mais maleável, o itacolomito.

Tonico - Rochas bastante comuns nesta região das Minas.

Quinzinho - E o mais importante, o quartzito e o itacolomito, como meu primo ensinou, podem assemelhar-se a um mineral como o diamante, pelo brilho, transparência e às vezes até pela cor, dependendo das condições de observação. Tonico tem razão, D. Isabel: o seu colar não serviu “simplesmente” de brinquete numa intriga política.

D. Isabel - E nem, como queria Alpoim, “simplesmente” transladado por mãos jocosas, inábeis ou gananciosas.

Alpoim - Inábeis talvez sim, dêem-me ao menos esse crédito. Pois se foi um descuido...

Quinzinho - ... ou um golpe de pura chance, que, admiravelmente, fez a jóia misturar-se ao material das paredes do Palácio dos Governadores!

Tonico (*rindo*) - Um laço e tanto tens atado agora ao Brasil, minha Senhora.

D. Isabel - Sim, sim, entendi o gracejo. Mas ainda falta a solução para a solução dos senhores. Como encontrar o colar a tempo do noivado?

Alpoim - É claro que podemos arrebentar todo o cordão de cantaria do Palácio, mas isso levaria horas. Se as cores da rocha e do mineral de fato se misturaram como dizem, nossos olhos não serão o bastante para um final feliz antes do anoitecer.

Tonico - Eu... posso oferecer ao menos metade da solução.

Quinzinho, D. Isabel e Alpoim (*em uníssono*) - Diz!!

Tonico - Minha mãe, também de alcunha Isabel, era um escrava africana, bela como o diamante e negra como o grafite.

Quinzinho - Sempre eram átomos de carbono, diria Velloso.

Tonico - Pois além de invejável composição molecular, Isabel foi agraciada com os poderes mágicos da mãe África. Quando veio para esta terra de montanhas e ouro (metal que não conhecia), trouxe consigo a força de Mamãe Oxum. (*vira-se para a platéia*) Isabel chorava ao incorporar a divindade, mas em meio às lágrimas os seus olhos cresciam, para tudo ver, e seu coração batia mais forte, para em tudo ressoar, conjurando a beleza e o ritmo. Quando nasci, Isabel chorou sobre minhas mãos, e desde então recebo Oxum, tal como ela fazia. Eis aí revelado o segredo da minha arte...

Isabel - Que história mais bonita! E vais incorporar tal deusa de ébano para achar nossos diamantes?

Tonico - Posso e quero, Senhora, de coração. Carrego Lisboa no nome e sou português na língua, embora corrompida com tanta maldade... Mas não terei sucesso. Tudo o que brilha e é cobiça dos homens ofusca a vista de Mamãe Oxum. Tão grandes ela abre os olhos, que se misturam as cores e as luzes, e ainda que fite diretamente o colar (e ela saberá aonde mirar), nada verá distintamente.

Quinzinho - Amigos, creio que dispomos da peça que falta pro quebra-cabeças. Senhora, não desanime, volto num estantinho.

Narrador - Quinzinho ganha a porta, salta por sobre as “fortificações que cercam em roda” o Palácio dos Governadores e vai dar no centro da praça, no momento exato em que Velloso dava o último ajuste nas lentes, voltadas para um céu de nuvens que se dissipavam, a noite caindo e quase emoldurando um tênue luzeiro que surgia: o cometa Halley. O naturalista não teve sequer a oportunidade de identificar o objeto celeste, graças a Joaquim José da Silva Xavier, que arrebatou dali o telescópio levando-o incontinenti para os aposentos de D. Isabel. Sobre um ponto exato na parede, indicado por Aleijadinho-Mamãe Oxum, armam-se as lentes acromáticas do poderoso instrumento e revela-se o brilho entre outros brilhos: o colar de diamantes, que sobrevivera ao terremoto português e agora repousava entre as rochas recortadas de Minas Gerais.

Frei Velloso tornou-se um célebre naturalista (jamais perdôou em vida a inconfidência do parente). Alpoim, promovido a brigadeiro (por ter, “oficialmente”, encontrado o colar). Aleijadinho faria, com seus olhos e mãos, obras mais eternas que qualquer diamante (“Bíblia de pedra-sabão/Banhada no ouro das minas”, disse anos depois Oswald de Andrade). Quinzinho virou, depois de muitas peripécias - revolto, herói, mártir da liberdade -, aquele mesmo Tiradentes de pedra que hoje se encontra no centro da praça, exato local do crime de lesa-ciência. E D. Isabel Teresa de Lencastre Sanches de Farinha? Dessa quase ninguém sabe, quase ninguém viu. Uns dizem que virou freira carmelita descalça no convento de Santo Alberto, em Lisboa, outros, que sua gargalhosa estrondosa seria a causa de outros muitos terremotos. Continua, para o resto de nós, o mistério da coroa portuguesa. E para que esta história não seja toda misteriosa, anunciamos que o bebê de Dona Maria Josefa nasceu, passa bem e é uma menina. Vai se chamar Bárbara Heliadora.

Fim